REVELLI
Revista de Educação, Linguagem e Literatura

O USO VARIÁVEL DO /R/ EM CODA EXTERNA: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO

THE VARIABLE USE OF THE /R/ IN EXTERNAL CODA: CONTRIBUTIONS OF APPLIED SOCIOLINGUISTICS TO TEACHING

FREITAS, Rosely Lopes de

FERREIRA, Jannaina Reis

VIEIRA, Marília

Resumo: O presente artigo, ancorado em uma perspectiva decolonial, dedica-se a refletir sobre propostas interventivas de ensino de língua materna, desenvolvidas no âmbito do Subprojeto do PIBID/Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, observa-se que as normas culta e popular revelam muitas semelhanças e, para evidenciar tais similitudes, foram elaboradas quatro atividades em que se enfatiza o uso variável de /R/ em coda externa no Português Brasileiro, cuja aplicação foi idealmente planejada para o oitavo do Ensino Fundamental. A teia teórica da Sociolinguística aplicada ao ensino é complementada com cartas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014) e com as contribuições de Monaretto (2002). As atividades propostas estão fundamentadas nos contínuos de Bortoni-Ricardo (2004), bem como na gramática de três eixos (VIEIRA, 2017), com o objetivo de descrever o uso variável do fenômeno supramencinado. Os resultados corroboram que o trabalho com a reflexão linguística permite que o aluno possa compreender os fenômenos linguísticos, aprimorando sua competência comunicativa.

Palavras-chave: /R/. Sociolinguística. Ensino.

Abstract: This article, anchored in a decolonial perspective, is dedicated to reflecting on interventional proposals for mother tongue teaching, within the scope of the PIBID/Portuguese Language Subproject. In this perspective, it is observed that the cultured and popular norms reveal many similarities and, to highlight such similarities, four activities were elaborated in which the variable use of /R/ in external coda in Brazilian Portuguese is emphasized, whose application was ideally planned for the eighth of elementary school. The theoretical web of Sociolinguistics applied to teaching is complemented with letters from the Linguistic Atlas of Brazil (CARDOSO et al, 2014) and with the contributions of Monaretto (2002). The proposed activities are based on the Bortoni-Ricardo ushers (2004), as well as on the three-axis grammar (VIEIRA, 2017), in order to describe the variable use of the phenomenon mentioned above. The results

corroborate that the work with linguistic reflection allows the student to understand linguistic phenomena, improving his communicative competence.

Keywords: /R/. Sociolinguistics. Teaching.

1 Introdução

Por um longo período no Brasil, o estudo formal foi destinado, especificamente, às camadas prestigiadas socioeconomicamente, tendo como objetivo primordial a aprendizagem do Latim, devido seu valor social da época. Com o decorrer do tempo, a disciplina Língua Portuguesa foi inserida nos currículos pedagógicos, entretanto, esse ensino ainda privilegiava uma norma linguística totalmente distante do Português Brasileiro.

Com o advento das pesquisas sociolinguísticas no território brasileiro, os estudiosos passaram a estudar e a compreender que a norma linguística brasileira era muito divergente das normas impostas pelos compêndios gramaticais. Porém, devido diversos fatores (incluindo os políticos, sociais, culturais, pedagógicos e outros), os resultados dessas pesquisas não chegavam/chegam nas escolas e até mesmo nas Universidades. Dessa forma, foi devido os esforços da de Bortoni-Ricardo (e orientando(a)s), que se propôs um liame dos estudos sociolinguísticos ao ensino, denominado Sociolinguística Educacional.

Outra estudiosa que se dedica a estudar/orientar diversos trabalhos sobre a variabilidade linguística brasileira nos diferentes níveis linguísticos e aliá-los ao ensino de Língua Portuguesa nos ensinos fundamentais e médios é a Profa. Dra Silvia Rodrigues Vieira, professora do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dentre várias obras da estudiosa, destacamos aqui a organização de dois livros: *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas (2018)* e *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão (2019).* Este foi organizado também pela pesquisadora Monique Débora Lima.

Dessa forma, vários trabalhos, como os de Dorneles (2011), ratificam a variabilidade do –r no Português Brasileiro (PB), podendo ser realizado como tepe, glotal e até mesmo sofrer um apagamento total. No que se refere ao apagamento dessa variável,

pesquisadores como Oliveira (1983) e Linares, Peixoto e Moreira (2008) chegaram à conclusão de que ele é mais recorrente em verbos do que em substantivos e em coda externa do que interna. Além disso, é imprescindível salientar que o apagamento do /R/ em coda externa é um fenômeno muito antigo no PB, sendo, inicialmente, associado as variedades populares, porém, hoje ele é frequente na fala de indivíduos de diferentes estratos sociais (CALLOU, MORAES E LEITE, 1998; LINARES, PEIXOTO E MOREIRA, 2008).

Apesar de ter uma ampla literatura linguística a respeito da variabilidade do /r/ no PB, nota-se uma escassez de trabalhos sobre esse tema direcionado ao ensino. Por esse motivo, objetivamos apresentar uma proposta pedagógica com o intuito de que os alunos reflitam/percebam que (a) as normas cultas e populares possuem semelhanças e diferenças e ambas se diferenciam da norma-padrão, (b) uso variável de /R/ em nomes e verbos no infinitivo, (c) o apagamento do /R/ em coda externa em infinitivos verbais é um fenômeno gradual, por isso, não sofre estigmatização como os fenômenos descontínuos, diferente do /R/ retroflexo, (d) variabilidade do /R/ em infinitivos verbais em dois contextos de fala (reunião e entrevista) e escrita (redação).

Com base no exposto, este artigo, resultante das atividades desenvolvidas no âmbito do núcleo de Língua Portuguesa do PIBID, com oito alunos bolsistas CAPES em uma escola pública do estado de Goiás, expõe uma sequência didática, orientada pelos contínuos de urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística (BORTONI-RICARDO, 2004), que procura descrever o uso variável de /R/ em coda externa de nomes e verbos em excertos orais e escritos, pautando-se na perspectiva do uso no PB. Dessa maneira, esse trabalho é voltado para pesquisadores, docentes de Língua Portuguesa e para todos que se interessarem pelo assunto.

Por fim, este trabalho está dividido em 5 etapas: introdução, fundamentação teórica, propostas pedagógicas, análise das propostas realizadas, considerações finais e referências.

2 Fundamentação teórica

Os objetivos da disciplina de Língua Portuguesa começaram a mudar a partir dos anos 1950, quando houve uma progressiva transformação social e, principalmente, devido às possibilidades de acesso à escola: agora, as pessoas provenientes de camadas desprestigiadas também tinham direito a estudar (SOARES, 2002). No decorrer do século XX, as políticas linguísticas em favor do Português Brasileiro (doravante PB) passam a se consolidar

Desse modo, o advento da Sociolinguística no Brasil contribuiu significativamente para a descrição da realidade linguística do PB, contribuindo para a documentação de variedades cultas e populares (BAGNO, 2002). Nessa perspectiva, o professor pode se instrumentalizar acerca das diferenças entre as variedades linguísticas faladas pelos alunos de classes populares e a variedade de prestígio, possibilitando metodologias de ensino voltadas para o respeito linguístico. Além disso, o desenvolvimento de estudos descritivos do PB propiciou uma nova maneira de tratar a oralidade, a escrita e o texto no ensino (SOARES, 2002).

No que diz respeito à BNCC e ao tratamento da variação linguística, são elencadas, aqui, algumas considerações primordiais: a discussão acerca da variação linguística, variedades prestigiadas/desprestigiadas e preconceito linguístico e o tratamento dado ao tema nos livros didáticos; o uso de gravações e textos em diferentes variedades linguísticas, a fim de identificar características regionais, urbanas e rurais.

É relevante, em primeiro momento, postular uma série de problemáticas no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, tais como: confusão entre norma-padrão e norma culta; distinção entre norma, modalidade e registro e, posteriormente, sobre os contínuos de variação linguística e os três eixos para o ensino da gramática. Essas questões foram apresentadas por Bagno (2002), Martins, Vieira e Tavares (2014), Bortoni-Ricardo (2004) e Vieira (2019).

Segundo Bagno (2002), norma-padrão não é uma língua, mas sim um modelo, um ideal e um padrão de comportamento linguístico baseado na obra de escritores consagrados. Já a norma culta é uma língua real, baseada na fala de falantes cultos (BAGNO, 2002).

De acordo Vieira (2019), essa homogeneidade proposta pelos discursos normativos estabelece uma generalidade de regras de comportamento social para toda e

qualquer situação comunicativa, ocasionando uma equação equivocada: “norma-padrão = Língua Portuguesa” e, consequentemente, o surgimento dos mitos linguísticos. Nesse viés, é imprescindível guiar as orientações normativas para que a padronização seja efetivamente sensível aos contínuos de modalidade (do maior ao menor grau de oralidade/fala-letramento/escrita) e registro (do mais ao menos formal/monitorado)” (VIEIRA, 2019).

Ademais, segundo Martins, Vieira e Tavares (2014), é muito importante que o professor estabeleça a distinção entre norma, modalidade e registro, haja vista que, devido a algumas práticas pedagógicas não esclarecedoras, os alunos são levados a acreditar em algumas assertivas, tais como: a variação de registro (mais formal) é exclusiva da norma culta e da modalidade escrita. Nesse sentido, é preciso assumir que tanto falantes de normas cultas, quanto falantes de normas populares variam quanto ao grau de formalidade. Ademais, é preciso dissociar a ideia de que a modalidade falada é intrínseca ao registro informal e de que a modalidade escrita está relacionada exclusivamente ao registro formal.

Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004) propõe três contínuos para explicar a variação no PB: (1) contínuo de urbanização, (2) contínuo de oralidade-letramento e (3) contínuo de monitoração estilística. No contínuo de urbanização, há duas extremidades: de um lado, estão situados os falares rurais mais isolados, representados por falares típicos/estigmatizados do polo rural, denominados traços descontínuos. Do outro lado, estão situados os falares urbanos, suscetíveis à influência de agentes padronizadores da língua (mídia, imprensa e escola) e que apresentam traços linguísticos presentes na variedade culta, denominados traços graduais. No contínuo de oralidade-letramento, denominam-se eventos de letramento as falas permeadas por um texto escrito; já os eventos de oralidade são aqueles que não têm interferência da língua escrita. Por último, o contínuo de monitoração estilística está relacionado desde interações espontâneas até interações planejadas que exigem muita atenção do falante.

De forma bastante simplificada, Vieira (2017) propõe os seguintes eixos: (1) Ensino de gramática e atividade reflexiva, (2) Ensino de gramática e produção de sentidos e, (3) Ensino de gramática, variação e normas.

3 O apagamento de /R/ em coda externa no PB

Segundo Dorneles (2011), a realização do –r no PB parece ser o fenômeno que apresenta maior quantidade de variação dos alofones no que se refere ao ponto de articulação, podendo ser produzido como tepe, glotal e até mesmo sofrer um apagamento total. Monaretto (2002) afirma que, quando o /R/ está presente no início da palavra (*r*ato) e em início de sílaba, precedido por consoante (hon*r*a), a forma preferida é o /R/ forte (fricativa velar ou vibrante alveolar). Entretanto, de acordo com a linguista, com o passar do tempo, houve um crescimento do uso da fricativa velar em detrimento do uso da vibrante alveolar na fala do Sul do Brasil.

Em relação ao /R/ pós-vocálico, a pesquisadora percebeu que a variante predominante é o /R/ fraco, de forma mais precisa, o tepe. Nessa conjuntura, Monaretto (2002) constatou que, na posição de coda, o tepe prevalece (60%), em comparação às demais variantes: apagamento (25%), vibrante alveolar (9%), retroflexo (5%) e (1%) fricativa velar. Todavia, por meio de uma comparação de três amostras (1970, 1989 e 1999), a autora diagnosticou que, em um intervalo de 30 anos, aproximadamente, o tepe diminuiu e o apagamento aumentou em Porto Alegre (especialmente em infinitivos verbais e no futuro do subjuntivo). De acordo com ela, esse processo se encontra em estágios mais avançados em outros lugares do Brasil.

Para Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento do /R/ em coda externa é um fenômeno muito antigo no PB, considerado como uma característica dos falares incultos, mas, com o decorrer do tempo, expandiu-se e hoje é comum na fala de pessoas pertencentes a vários estratos sociais. Além disso, a autora pontua também que, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, esse fenômeno era usado para representar a fala dos escravos. Oliveira (1983) atesta que o /R/ em coda externa é mais apagado (70,83%) do que o interno (17,59%) e, quanto à classe morfológica, esse fenômeno é mais apagado em verbos (81,59%) do que em nomes (26,09%).

Nesse segmento, Linares, Peixoto e Moreira (2008) compararam o apagamento do /R/ em coda externa, nas variedades culta e popular e concluíram que esse fenômeno é recorrente nas falas dos informantes, respectivamente, 62,82% e 88,05%. Ademais, os autores acreditam que esse fenômeno está mais presente na fala dos falantes de nível

popular. Sobre a classe morfológica, chegou-se à conclusão de que esse fenômeno é mais recorrente nos verbos (67,12%) do que em nomes (32,88%).

Com ênfase nessas evidências, objetiva-se que os alunos observem as semelhanças entre as normas culta e popular, compreendendo que a primeira não é algo intacto, homogêneo ou acabado, mas flexível e suscetível à variação de acordo com os diversos contextos comunicativos. Abaixo, são expostas as propostas e intervenção pedagógicas que visam ao tratamento do uso variável do /R/ em coda externa, desenvolvidas no oitavo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do estado de Goiás.

3.1.1 Propostas pedagógicas

Nesta seção, serão descritas as três atividades propostas com base no fenômeno fonético-fonológico em estudo, o /R/ em coda externa no PB.

3.1.1 Proposta I

A partir da premissa de que os contínuos de contínuos de urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística "são instâncias distintas da variação linguística e, respectivamente, estão ligadas aos conceitos de *norma (s), modalidade (oral ou escrita) e registro (formal ou informal)*" (LIMA, p. 125, 2017), na presente atividade, serão abordados os eixos I e III (VIEIRA, 2019), com base na proposta de situar a fala dos informantes nos três contínuos (BORTONI-RICARDO, 2004) e de verificar as convergências/divergências entre elas.

Atividade: Veja a seguir, três excertos de fala retirados de entrevistas desenvolvidas para um estudo científico[1]. Tente descrever a qual camada social pertencem os informantes em cada caso. Em seguida, sublinhe os fenômenos linguísticos que se "distanciam" da norma ensinada na escola e verifique se há semelhanças ou diferenças nas falas.

[1] Os excertos *a* e *b* foram retirados do livro *Educação em língua materna – a Sociolinguística na sala de aula*, de Bortoni-Ricardo (2004). Já o excerto *c* foi retirado de uma entrevista do *corpus* Sociolinco (BERNARDES, 2020).

a) “De uns tempo pra cá, ninguém qué roçá mais, Num certo ponto, eu dô razão, eu mesmo fui um desses que saí da roça por causa disso, né? Que eu não tinha terreno de meu, morava dependente de oto, de fazendeiro. Fazenderos não dão cuié de chá mesmo, né? Tem que plantá, planta, tem que parti à meia, ota hora à terça, né?” (BORTONI-RICARDO, 1985, p. 99).

b) “O qu’eu tô comprendenu de poco tempo pra cá é negoçu de reporti. Qu’eu cumpanho nutiça, reporti de rádio e televisão, que agora qu’eu tô aprendenu, nunca tinha usado nem televisão, que a gente morava na roça, e mesmo aqui né? mesmo aqui, é de pocos tempo pra cá que os menino deu conta de comprá um rádio” (BORTONI-RICARDO, 1985, p. 225).

c) “aqui se você precisá de um ortopedista, se você precisá de um gastro então, imagina, eu acho, eu duvido que já tenha tido um gastro aqui em Goiás e assim... hoje em dia, adultos e crianças com a péssima alimentação que fazem... um gastro acaba sendo essencial a gente tem estrutura física, às vezes mas não tem estrutura humana pra podê atendê todo mundo” (BERNARDES, 2020 – *Corpus* Sociolinco).

- Obs.: O professor deve explicou a diferença entre os fenômenos graduais e descontínuos (BORTONI-RICARDO, 2004). É importante que o docente mencione que existem diferenças linguísticas entre as normas culta e popular, mas que também há semelhanças. Nesse viés, é necessário mencionar que o apagamento do /R/ em coda externa em verbos é recorrente na variedade culta, mas que, na escrita monitorada, ele precisa ser mantido.

A seguir, é descrita a proposta II, como continuidade à sequência de atividades sobre o /R/ em coda externa no PB.

3.1.2 Proposta II

Partindo do pressuposto de que os alunos compreenderam os contínuos de variação linguística, bem como o que caracteriza os fenômenos descontínuos e graduais,

a presente etapa tem como objetivo levá-los a refletir acerca do uso variável de /R/ em nomes e verbos no infinitivo, em uma perspectiva regional. Para isso, propõe-se a análise de cartas linguísticas, o que motivaria a compreensão do fenômeno sob um viés interdisciplinar com a Geografia. A esse respeito, é importante salientar que, conforme as pesquisas sociolinguísticas acerca do PB, o apagamento do /R/ em coda externa em infinitos verbais é mais frequente em verbos do que em nomes.

Também é significativo acentuar também que o apagamento do /R/ em coda externa em infinitivos verbais é um fenômeno gradual, por isso, não sofre estigmatização como os fenômenos descontínuos.

Além disso, é importante mencionar que há variantes de /R/ estigmatizadas, como por exemplo, a retroflexa (/R/ caipira), e que tal fato se deve a fatores ideológicos e sociais. Vale a pena ressaltar que esse mesmo fenômeno, quando associado a um falante de inglês americano, é visto como *status.*

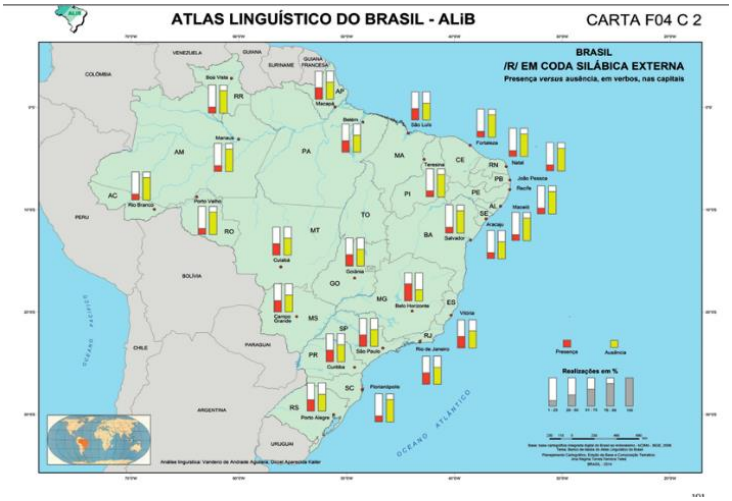
Atividade: Observe abaixo, nas três Cartas linguísticas retiradas do Alib (Atlas linguístico do Brasil), as ocorrências do /R/ nas diversas regiões do nosso país e reflita sobre acerca dessas ocorrências, levando em consideração as seguintes questões:

a) O apagamento do /R/ é mais frequente em nomes ou em verbos?

b) Em quais regiões o /R/ retroflexo é mais presente?

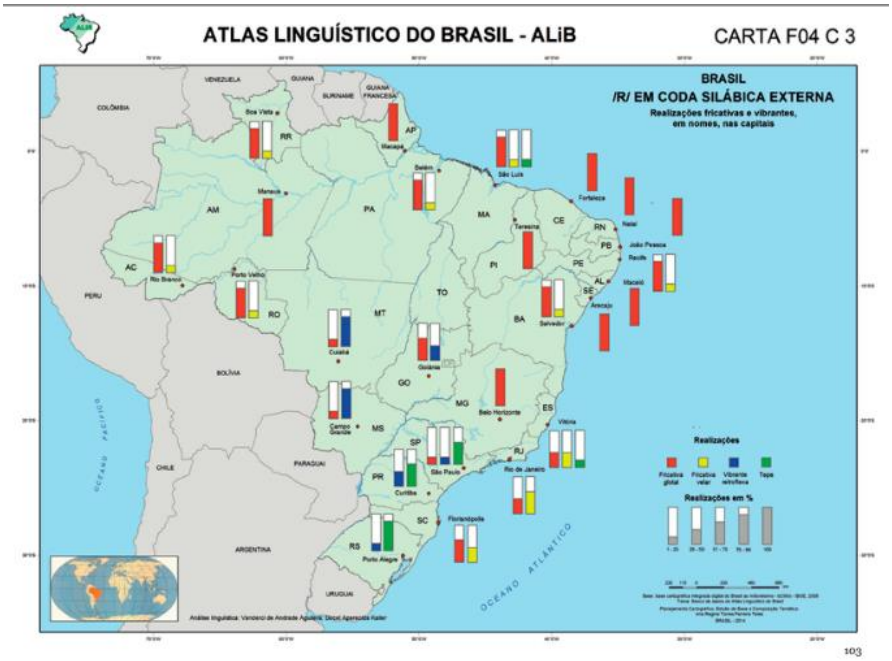
c) Na sua opinião a produção do /R/ retroflexo é mais estigmatizado do que o apagamento do /R/ em verbos no infinitivo? Por quê?

Figura 1: Carta F04 C2 do ALiB



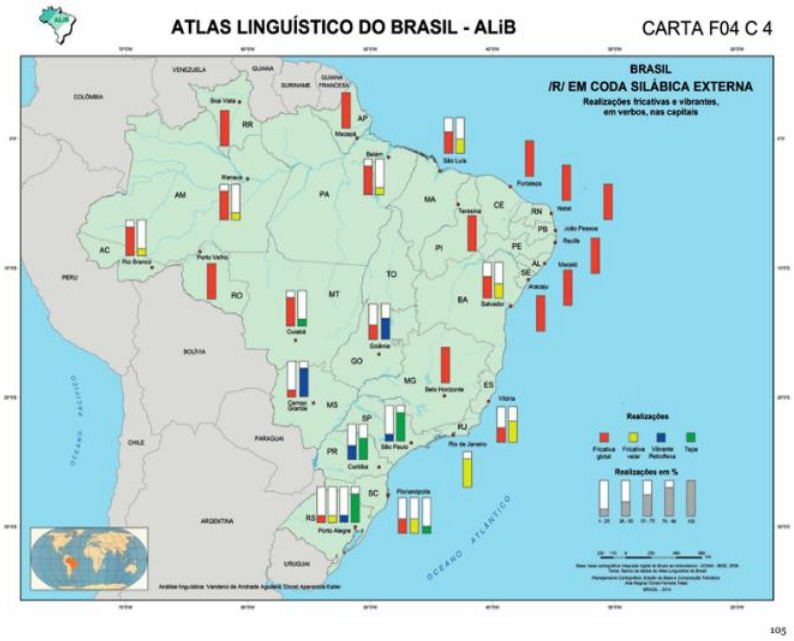
Fonte: Cardoso et al (2014, p. 101).

Figura 2: Carta F04 C2 do ALiB



Fonte: Cardoso et al (2014, p. 103).

Figura 3: Carta F04 C4 do ALiB



Fonte: Cardoso et al (2014, p. 105).

Por fim, há que se considerar a proposta III, descrita a seguir, teórica e metodologicamente.

3.1.3 Proposta III

A atividade III tem o propósito de motivar os alunos a refletirem acerca do apagamento ou não do /R/ em coda externa dos infinitos verbais em diferentes gêneros textuais. Para isso, serão disponibilizados dois fragmentos de entrevistas: uma com um falante que emprega a norma culta e outra com um falante que utiliza a norma popular. Em seguida, será fornecido um fragmento de um texto dissertativo-argumentativo. Na sequência, os alunos deverão preencher uma tabela e calcular a proporção de uso/apagamento do /R/ em coda externa nos infinitivos verbais presentes nos três excertos, o que estimula, mais uma vez, um trabalho interdisciplinar, dessa vez, com a Matemática.

Atividade 1: Observe, a seguir, três trechos com altos níveis de monitoração estilística: (a) uma reunião da associação de moradores de um bairro, (b) uma entrevista e (c), uma

proposta de texto dissertativo-argumentativo do Enem. Os dois primeiros fragmentos são classificados como evento de oralidade. Já o terceiro é categorizado como evento de letramento. No que diz respeito ao contínuo de urbanização, o primeiro enunciador se enquadra no polo rural, já os outros dois se situam no polo urbano. Nesse sentido, percebe-se que há diferenças entre as falas, mas também há semelhanças, por exemplo: o apagamento do /R/ em coda externa dos infinitivos verbais nas duas entrevistas. Com base nisso, analise a ocorrência desse fenômeno nos três trechos[2] e, logo após, preencha a tabela.

(a) Fala monitorada de um falante que emprega a norma popular:

Presidente: Bem gente, tratano da distribuição das fossa, primeiro que/ quero avisar que nóis recebemos só cinquenta fossa, mais vamo recebê mais. Então, nóis tamo propono dois critero pa distribuição: o primeiro é que só vai recebê aquelas pessoa que tá mermo precisando de u'a fossa e segundo é a ordi de inscrição nessa lista que nós fizemo. O que que vocês acha?
(...)
Presidente: Pra vocês tê toda informação, é preciso participa das reunião... É muito bom a gente só recramá.

(b) Fala monitorada de um falante que emprega a norma culta:

S1[3]: aqui, se você precisá de um ortopedista, se você precisá de um gastro, então, imagina, eu acho eu duvido que já tenha tido um gastro aqui em Goiás e, assim, hoje em dia, adultos e crianças com a péssima alimentação que fazem, um gastro acaba sendo essencial. A gente tem estrutura física às vezes, mas não tem estrutura humana pra podê atende.
D1: eu acho que um pouco das pessoas também incentivar né?

[2] O primeiro trecho foi retirado do *livro Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula*, de Bortoni-Ricardo (2004). O segundo trecho foi retirado de uma entrevista do *corpus* Sociolinco, referente à dissertação de Bernardes (2020). O terceiro trecho foi retirado do site https://catracalivre.com.br/educacao/leia-algumas-das-redacoes-que-foram-nota-mil-no-enem-2016/, acesso em 10 de outubro de 2021.
[3] *S1* refere-se ao sujeito entrevistado e, *D1*, ao documentador.

S1: cobrar

D1: cobrá e incentivá, porque eu vi porque eu quase não trato aqui, por isso que você me fala e eu também não sei, eu quase não vou em medico também mas eu vejo, por exemplo, tem aquela F. lá perto... depois eu vi parece que abriu uma outra ali pra baixo, uma outra clínica ali pra baixo não sei não, a outra é lá em cima é... na rua e cima... aí falaram que tavam vindo uns médicos diferentes pra atendê.

S1: eu não sei na rua de cima eu sei que atendê lá o doutor Budim, que é um excelente médico, mas é um clínico, às vezes por uma questão específica, o que ele vai poder fazê é te encaminhá pra um especialista.

(c) Escrita monitorada de um falante que emprega a norma culta:

Tema: Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil
Larissa Cristine Ferreira (2016)
Título: Orgulho Machadiano

Brás Cubas, o defunto-autor de Machado de Assis, diz em suas "Memórias Póstumas" que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Talvez hoje ele percebesse acertada sua decisão: a postura de muitos brasileiros frente a intolerância religiosa é uma das faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento. Com isso, surge a problemática do preconceito religioso que persiste intrinsecamente ligado à realidade do país, seja pela insuficiência de leis, seja pela lenta mudança de mentalidade social.

Segundo pesquisas, a religião afro-brasileira é a principal vítima de discriminação, destacando-se o preconceito religioso como o principal impulsionador do problema. Infere-se, portanto, que a intolerância religiosa é um mal para a sociedade brasileira. Sendo assim, cabe ao Governo Federal construir delegacias especializadas em crimes de ódio contra religião, a fim de atenuar a prática do preconceito na sociedade, além de aumentar a pena para quem o praticar. Ainda cabe à escola criar palestras sobre as religiões e suas histórias, visando a informar crianças e jovens sobre as diferenças religiosas no país, diminuindo, assim, o preconceito religioso.

Atividade 2: a) Como se pode observar no exercício anterior, o apagamento do /R/ em coda externa infinitos verbais é um fenômeno gradual, isto é, está presente tanto na fala de falantes rurais, quanto na fala de falantes urbanos. Entretanto, percebe-se que, em textos escritos monitorados, o seu comportamento é diferente. Nesse sentido, analise todos os /R/ finais dos infinitivos verbais dos três excertos da atividade anterior e coloque-os no quadro a seguir.[4]

Quadro 1: Infinitivos verbais

Infinitivos verbais	
Fala monitorada de um falante que emprega a variedade popular do PB	
sem /R/	com /R/
Fala monitorada de um falante que emprega a variedade culta do PB	
sem /R/	com /R/
Escrita monitorada de um falante que emprega a variedade culta do PB	
sem /R/	com /R/

Fonte: Adaptado de Bortoni-Ricardo (2004).

b) Depois que você preencher o quadro, deve realizar alguns cálculos simples:

- Some todas as ocorrências de infinitivos verbais;
- Some todas as ocorrências de infinitivos verbais sem /R/;
- Some todas as ocorrências de infinitivos verbais com /R/;
- Divida o total de ocorrências de infinitivos verbais sem /R/ pelo total de infinitivos verbais. Assim você encontrará a frequência de infinitivos verbais sem /R/;
- Divida o total de ocorrências de infinitivos verbais com /R/ pelo total de infinitivos verbais. Assim você encontrará a frequência de infinitivos verbais com /R/;

[4] Os exercícios da atividade 2 foram inspirados no livro *Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula* (BORTONI-RICARDO, 2004).

- Compare a frequência de infinitivos verbais realizados com /R/ com a frequência de infinitos verbais realizados sem /R/. Você verá que houve mais ocorrências sem /R/ do que com /R/.

Na próxima seção, serão tecidas algumas análises a respeito de cada proposta de atividade descrita, de modo a expor os objetivos a serem alcançados com cada uma delas.

4 Análise das propostas didáticas sobre /R/ em coda

A proposta I oportuniza a observação e reflexão acerca do uso da variável /R/ em nomes e verbos no infinitivo em uma visão regional, viabilizando a análise das Cartas linguísticas uma perspectiva interdisciplinar com a Geografia. Ao concretizar essa atividade, são executados: a) o eixo I, no que tange à comparação/reflexão dos dados de apagamento do /R/ nos verbos e nomes, b) o eixo II, devido à problematização do liame entre variação e prestígio e c) o eixo III, devido às cartas que expõem dados de variação regional do /R/ em coda externa no PB.

No que toca à proposta II, no final da atividade, observa-se a variação do /R/ em coda externa em infinitivos verbais, tanto em eventos de oralidade monitorada (entrevista), quando nos de escrita monitorada (texto dissertativo-argumentativo). Tais reflexões permitem que os alunos compreendam que a aceitação/não-aceitação de determinados fenômenos está intrinsicamente relacionada a fatores de ordem cultural, mesmo que de forma inconsciente, de acordo com a seguinte proposta:

A proposta III contribui para que os discentes entendam que: (1) a norma culta não é homogênea, haja vista que a variação é inerente a língua; (2) a norma culta se difere da gramática normativa; (3) a norma culta falada monitorada difere da norma culta escrita monitorada; (4) as normas vernaculares e cultas possuem fenômenos parecidos e (5) monitoramos mais ou menos o nosso discurso, de acordo o contexto comunicativo.

Tal atividade motiva a análise de três contextos que exigem maior grau de monitoração estilística, haja vista que os dois informantes modulam sua fala em virtude de estarem participando de uma entrevista. Também seria oportuno explorar mais três abordagens: falas espontâneas e contextos de escrita menos monitorada, a fim de que os

estudantes pudessem averiguar como se configura o uso do /R/ finais dos infinitos verbais em contextos discursivos menos monitorados.

5 Considerações finais

Ao longo deste artigo, é possível mensurar o quanto a colonialidade afetou o uso da língua materna no Brasil e como a noção de inferioridade linguística reverbera no ensino Língua Portuguesa. Em outras palavras, muitas práticas pedagógicas tradicionais são embasadas em normas que não representam o PB, nem no que tange à norma popular, nem no que diz respeito à norma culta. Tal cenário fragiliza a identidade linguística brasileira, gerando o mito de que o brasileiro não sabe falar português.

A Sociolinguística revela, com base em dados robustos de uso, que o PB real difere daquela língua que é postulada pela gramática tradicional; que a norma culta não é homogênea e que os falantes não monitoram sua fala em todos os contextos discursivos; que as normas populares apresentam traços específicos, mas não são totalmente divergentes das normas cultas e que estas também variam na modalidade escrita, conforme o gênero textual. Além dessa série de postulados, a Sociolinguística também mostra que, é necessário aprender a norma culta, a fim de adequar a performance linguística diante de certas exigências comunicativas, haja vista que a aprendizagem dessa norma nos proporciona, de certa forma, maiores oportunidades à ascensão social.

Além disso, é destacável que o arcabouço teórico da Sociolinguística fortalece as práticas pedagógicas, contribuindo para que os alunos estejam aptos a refletir sobre sua própria língua e a adquirir uma ampla gama de recursos comunicativos, para os diversos contextos discursivos. Neste artigo, enfocou-se o uso do /R/ em coda externa dos infinitivos verbais (traço gradual), mas, antes disso, foi desenvolvida uma reflexão mais ampla acerca da sistematicidade da variação linguística. Nesse sentido, tal abordagem se faz relevante, contribuindo para um ensino decolonial e interdisciplinar. Por meio das propostas aventadas, é possível descortinar dogmas e proporcionar uma abordagem científica nas aulas de língua materna no Ensino Fundamental.

Referências

AMORIM, F. S. Ensino do português brasileiro: por uma pedagogia descolonial. *Revista WebSOCIODIALETO*, v. 05, n. 14, p. 111-138, 2014.

BAGNO, M. Língua, história e sociedade: breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 179-199.

BERNARDES, Patricia M. *A variação de segunda pessoa do singular na Cidade de Goiás: você e cê sob um olhar sociolinguístico.* 2019. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) - Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*. Parábola Ed., 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. Parábola, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João A. Apagamento do /R/ final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA* vol.14, número especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006. Acesso em 13 ago. 2011.

CARDOSO, S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014.

DORNELES, Darlan Machado. *Um estudo variacionista sobre o apagamento do /R/na fala rio branquense.* Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/trabalhos-academicos-de-letras/3876612>

FERREIRA, L. C. *Orgulho machadiano*. Disponível em: < https://catracalivre.com.br/educacao/leia-algumas-das-redacoes-que-foram-nota-mil-no-enem-2016/>.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria S.; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística:* língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo "gramática"?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LIMA, M. D. A. O. O quadro pronominal: atividades lúdicas para o ensino de gramática e variação. In: VIEIRA, S. R. *Gramática variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017. P. 107-143.

LINARES, A. B. B; PEIXOTO, C. R; MOREIRA. T. *Apagamento do /R/ em final de palavras:* um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular. Disponível em <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/apagamento_do_r.pdf>

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português. *Ensino de português e sociolinguística.* São Paulo: Contexto, p. 9-35, 2014.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. EdiPUCRS. Porto Alegre: 2002.

OLIVEIRA, M. A. de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese:* the case of the liquids. 1983. 270f. (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia.

OLIVEIRA, L. F. CANDAU, V. M. F. Pedagogia Decolonial e educação anti-racista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: UFMG. v. 26, 2010. p. 15-40.

SILVA, F. P.; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. *Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas,* v. 12, n. 1, 2018. p. 68-87.

VIEIRA, S. R. *Gramática, variação e ensino*. Editora Edgard Blücher, 2017.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Para Uma Norma-Padrão Flexível no Contexto Escolar: Contribuições dos Estudos Sociolinguísticos, p. 243 -264. In: *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 155-177.